

UMA CIDADE PELOS OLHOS DAS CRIANÇAS: CARTOGRAFIA, PARTICIPAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA

Lucas Mateus Faria Silva ¹

Maria Erenilda da Silva²

RESUMO

O Ensino da Geografia e Cartografia no Brasil compõe uma parte fundamental na formação escolar, conhecimentos que contribuem para o desenvolvimento do pensamento geográfico, crítico e reflexivo do aluno. O Ensino fundamental I, especificamente o 5º ano, a Base Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), normatiza que: No que se refere ao ensino de cartografia, é mencionado na unidade temática Formas de representação e pensamento espacial, no ensino Fundamental I, deverá ampliar gradativa a concepção do que é mapa, domínio da leitura e elaboração de mapa e gráficos, iniciando na alfabetização cartográfica. Já nos anos finais deverá comparar e elaborar diversos tipos de mapas temáticos, representações de diversas ferramentas de análise espacial. Trata-se de um relato de experiência de uma proposta pedagógica intitulada “Uma Cáceres melhor para nós”, com objetivo de estabelecer estratégias de ensino da geografia, que possibilitam uma aproximação da realidade do aluno, e sua interação com reconhecimento dos espaços que vivem; foi desenvolvida com uma turma de 25 estudantes com idade entre 10 e 11 anos, do 5º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Dom Máximo Biennés, localizada em Cáceres-MT, município situado às margens do Rio Paraguai, com expressiva importância histórica, cultural e ambiental na região do Alto Pantanal. A metodologia utilizada foi abordagem qualitativa e participativa, fundamentada na pedagogia freireana; roda de conversas, análises de imagens e pesquisas; produção de maquetes e cartografias da “Cidade ideal”; utilizou-se materiais recicláveis, cartolina e colagens. Como resultado desta experiência os alunos em grupos produziram maquetes e cartografias da “Cidade ideal”, utilizou-se materiais recicláveis, cartolina e colagens.

Palavras-chave: Cartografia social; Espaço urbano; Infância

RESUMEN

La Enseñanza de la Geografía y la Cartografía en Brasil constituye una parte fundamental en la formación escolar, conocimientos que contribuyen al desarrollo del pensamiento geográfico, crítico y reflexivo del alumno. En la Educación Primaria I, específicamente en el 5º año, la Base Común Curricular – BNCC (Brasil, 2017) establece que: en lo que se refiere a la enseñanza de la cartografía, se menciona en la unidad temática *Formas de representación y pensamiento espacial*, que en la Educación Primaria I deberá ampliar gradualmente la concepción de lo que es un mapa, el dominio de la lectura y elaboración de mapas y gráficos, iniciando en la alfabetización cartográfica. Ya en los años finales deberá comparar y elaborar diversos tipos de mapas temáticos, representaciones de diversas herramientas de análisis espacial. Se trata de un

¹ Docente da Rede Pública Municipal de Ensino em Cáceres – MT; mestre em Educação pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu Unemat); e-mail: lucas.mateus.silva@unemat.br

² Mestranda no Programa de Pós graduação *Stricto Sensu* em Geografia - PPGGeo da Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT, maria.silva32@unemat.br

relato de experiência de una propuesta pedagógica titulada “Una Cáceres mejor para nosotros”, con el objetivo de establecer estrategias de enseñanza de la geografía que posibiliten una aproximación a la realidad del alumno y su interacción con el reconocimiento de los espacios en los que viven. Fue desarrollada con un grupo de 25 estudiantes de entre 10 y 11 años, del 5º año de la Educación Primaria I de la Escuela Municipal Dom Máximo Biennés, ubicada en Cáceres-MT, municipio situado a orillas del Río Paraguay, con expresiva importancia histórica, cultural y ambiental en la región del Alto Pantanal. La metodología utilizada fue un enfoque cualitativo y participativo, fundamentado en la pedagogía freireana; ruedas de conversación, análisis de imágenes e investigaciones; producción de maquetas y cartografías de la “Ciudad ideal”; se utilizaron materiales reciclables, cartulina y collages. Como resultado de esta experiencia, los alumnos, en grupos, produjeron maquetas y cartografías de la “Ciudad ideal”, utilizando materiales reciclables, cartulina y collages.

Palabras clave: Cartografía social; Espacio urbano; Infancia.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia no Brasil compõe uma parte fundamental na Educação básica, com a missão de fomentar o pleno desenvolvimento do pensamento geográfico, de uma consciência crítica acerca do espaço, das relações sociais e das condições de vida no espaços vividos. A relação entre a geografia e a cartografia permite ao aluno compreender as diferentes interações no ambiente, podendo perceber as diversas escalas geográficas (Global, nacional, regional e local) bem como representar redes e dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação. Assim, esta pratica vai além da memorização de nomes e capitais, busca-se formar sujeitos capazes de compreender e transformar o mundo à sua volta (Santos, 2002). Inserida nesse contexto, a experiência aqui relatada foi desenvolvida com uma turma do 5º ano da Escola Municipal Dom Máximo Biennés, localizada em Cáceres-MT, município situado às margens do Rio Paraguai, com expressiva importância histórica, cultural e ambiental na região do Alto Pantanal.

Cáceres, conhecida como “Princesinha do Paraguai”, localiza-se ao sudoeste de Mato Grosso às margens do rio Paraguai, é marcada por contrastes entre áreas centrais bem estruturadas e periferias carentes de infraestrutura urbana básica. Foi nesse cenário que nasceu a proposta pedagógica intitulada “Uma Cáceres melhor para nós”, desenvolvida junto a 25 estudantes com idades entre 10 e 11 anos. A atividade teve como ponto de partida o estudo do crescimento urbano, com a questão-problema: *como podemos imaginar uma cidade melhor para se viver?*

A proposta visou promover o protagonismo infantil e a leitura crítica do espaço urbano a partir das vivências cotidianas dos alunos. Ao reconhecer as crianças como sujeitos sociais e produtores de conhecimento (Freire, 2021), o projeto valoriza suas percepções sobre território,

cidadania e justiça espacial. Teoricamente, a atividade fundamenta-se nos princípios da cartografia social (Porto-Gonçalves, 2006) e do ensino de Geografia voltado à leitura do mundo e à construção de identidades territoriais (Callai, 2000; Vesentini, 2011; Lacoste, 1988).

A Geografia é uma componente curricular presente em todos os anos escolares e como tal é desenvolvida a partir de diferentes estratégias e com diferentes profundidades ao longo da vida escolar dos alunos.

O ensino da cartografia nas escolas brasileiras tem sido discutido por diversos estudiosos, que destacam sua importância para o desenvolvimento da aprendizagem espacial nos alunos. Tais propostas estão presentes em documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1998).

Tendo como base essa experiência, este relato apresenta como objetivo principal, estabelecer estratégias que possibilitam uma aproximação da realidade do aluno, bem como a sua interação com e reconhecimento dos espaços que vivem.

Essa aproximação da realidade, se faz importante para os alunos e os professores do EF I, pois, oportuniza aos professores perceber a dinâmica que os alunos estão inseridos, conhecimentos prévio; para instiga-los a ao pensamento crítico e reflexivo, bem como oportuniza aos alunos a construção do conhecimentos geográficos e a percepção da relação do sujeito com o meio.

METODOLOGIA

A proposta foi desenvolvida com uma abordagem qualitativa e participativa, fundamentada na pedagogia Freireana, que compreende o conhecimento como construção coletiva e dialógica (Freire, 2021). Participaram da atividade 25 estudantes do 5º ano, todos envolvidos ativamente em todas as etapas da proposta.

Inicialmente, os alunos participaram de rodas de conversa sobre o espaço urbano da cidade de Cáceres e sua vivência cotidiana nos bairros e no trajeto até a escola. As discussões foram subsidiadas por leituras de textos informativos, análise de imagens, pesquisas em acervos da biblioteca escolar e exploração de portais educativos infantis. As observações do cotidiano como: a ausência de calçadas, áreas de lazer e saneamento básico foram mobilizadas como insumo para reflexão e construção de repertório.

Conforme o Parâmetro Curricular Nacional, (1998) orienta que deve se criar estratégias que permitam a reflexão e descrição dos lugares de vivencia:

O professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares.

A ideia de que o professor deve criar e planejar situações de aprendizagem que envolvam atividades como observação, descrição, analogia e síntese se materializa na atividade em que as crianças, divididas em grupos, desenvolveram maquetes e mapas da “cidade ideal”. Essa prática realmente ativa esses métodos de estudo geográfico, pois, ao observar e representar o espaço, os alunos analisam, comparam e sintetizam elementos da realidade. Além disso, a construção colaborativa das maquetes, utilizando materiais recicláveis, se alinha aos princípios da cartografia social, valorizando a representação dos territórios que os estudantes vivem e desejam. Assim, o ensino de Geografia vai além do domínio técnico da cartografia e se transforma em uma prática crítica, reflexiva e participativa, como destacam Callai (2000; 2005), Harley (1990) e Porto-Gonçalves (2006).

Esta mediação possibilitou uma perspectiva crítica, conforme Arroyo (2012), incentivando o debate, a problematização e a escuta ativa. As produções das crianças e seus relatos foram analisados como narrativas geográficas da infância (Sarmiento, 2007; 2008; 2009), permitindo compreender como elas veem, sentem e pensam a cidade em que vivem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As representações do espaço vivencial dos alunos permitem que o professor desenvolva estratégias para planejar situações de aprendizagem que incentivem a observação, a descrição e a análise crítica do ambiente que eles vivem. Através dessas práticas, o docente ajuda os alunos a entenderem como se constroem paisagens, territórios e lugares, conectando o conhecimento escolar com as experiências do dia a dia dos estudantes. As maquetes e os mapas produzidos revelaram percepções sensíveis e críticas das crianças sobre Cáceres, assim foram identificadas problemáticas como ausência de praças, esgoto a céu aberto, falta de iluminação pública, transporte escolar precário e escassez de áreas verdes. Por outro lado, as soluções propostas indicaram comprometimento com o bem comum, sugerindo criação de ciclovias, bibliotecas públicas, hortas comunitárias, parques e espaços para convivência intergeracional.

Conforme corrobora Callai (2005) “ensinar cartografia é permitir que a criança conheça, compreenda e interprete o espaço que a rodeia sob diversos pontos de vista, proporcionando-lhe assim uma leitura crítica da realidade”.

Nesse contexto, atividades como criar maquetes e mapas da “cidade ideal” oferecem uma chance incrível de aplicar esses métodos de estudo geográfico. Esta proposta permite que os alunos expressem e reinterpretem seus territórios de uma maneira crítica e participativa.

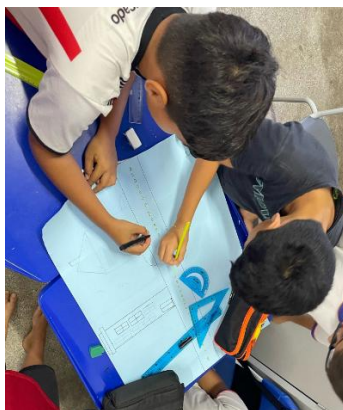
Essa leitura crítica do espaço, conforme Vesentini (2011), é uma das finalidades centrais do ensino de Geografia: compreender as contradições socioespaciais e pensar alternativas. Ao mobilizar suas vivências e desejos, os estudantes reinterpretaram a cidade e reafirmaram seu lugar como sujeitos de direito. A cartografia social, nesse processo, operou como um espaço de resistência e proposição (Porto-gonçalves, 2006).

Para Milton Santos (2002), o espaço é o “meio usado”, carregado de intencionalidades, memórias e disputas. Ao projetarem uma cidade diferente, as crianças construíram novas espacialidades possíveis, articulando afetos, saberes e ações. Assim, a Geografia escolar reafirma seu papel de formadora de sujeitos sociais, políticos e históricos.

Nesse sentido, Cavalcanti (2011) reforça essa ideia ao argumentar que a educação cartográfica deve proporcionar meios para que os alunos questionem as representações do espaço, a fim de terem uma visão menos passiva do mapa e mais atenta à sua intencionalidade e limitações.



Fonte: acervo do autor, 2025.



Fonte: acervo do autor, 2025.



Fonte: acervo do autor, 2025.

É fundamental que o professor reconheça a importância dos conhecimentos geográficos e da linguagem cartográfica para desenvolver estratégias que ajudem os alunos a entenderem as noções de espaço. Esse processo permite que o estudante compreenda melhor o ambiente em que vive, faça uma leitura crítica da sua realidade e amplie sua capacidade de interpretar o mundo ao seu redor. O objetivo é criar uma conexão entre o local e o global, e vice-versa, o que favorece a percepção das representações espaciais e a compreensão do espaço como o lugar onde as coisas existem, se transformam e acontecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta “Uma Cáceres melhor para nós” demonstrou que, quando articulado ao território vivido e à escuta das infâncias, o ensino de Geografia pode ser profundamente transformador. O reconhecimento das crianças como produtoras de saber e como cidadãs em formação possibilita práticas pedagógicas mais sensíveis às realidades locais e mais potentes em termos de impacto social e político.

A experiência reforça a importância de integrar a cartografia social ao currículo escolar, como instrumento de escuta, expressão e participação. Sugere-se que trabalhos semelhantes sejam sistematizados e ampliados, promovendo a cidadania desde os anos iniciais e abrindo caminhos para investigações futuras sobre educação, espaço urbano e culturas infantis.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. “Parâmetros Curriculares Nacionais”: Geografia. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Conselho Nacional de Educação. “Base Nacional Comum Curricular”: Educação é a base. Brasília: MEC; SEB; CNE, 2018. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2025.

CALLAI, H. C. **O ensino de Geografia: prática e vivência**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CALLAI, H. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cadernos CEDES, n. 66, v. 25, 2005. pp. 227-247.

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. In: “Anais do Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais”, I. Belo Horizonte: SeNa, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HARLEY, J. B. *Deconstructing the map*. Cartographica, v. 26, n. 2, p. 1–20, 1990.

LACOSTE, Y. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.



SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

SARMENTO, M. J. J. **Visibilidade social e Estudo da Infância.** In: VASCONCELLOS, V. M. R. de; SARMENTO, Manoel José Jacinto. *Infância (In)visível.* Araraquara: Junqueira e Marin, 2007.

_____. *Sociologia da Infância: correntes e confluências.* In: SARMENTO, Manoel José Jacinto.; GOUVÊA, M. C. S. *Estudos da Infância: educação e práticas sociais.* Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Estudos da Infância e sociedade contemporânea: desafios conceptuais.* O Social em questão, Rio de Janeiro, v. 20, n. 21, p. 15-30, 2009.

VESENTINI, José William. *Geografia: uma proposta para o ensino médio.* São Paulo: Ática, 2011.